FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

222

INSCRIÇÕES 783-784

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE D COIMBRA

Composto em *ADOBE in Design*, Versão 16.2.1 | José Luís Madeira | IA | DHEEAA | FLUC | UC | 2021

784

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA ROMANA DE VALADARES (*Conventus Scallabitanus)*

Placa romana de jazigo de família, com inscrição funerária, que saiu do derrube de um muro no caminho público, no lugar de Fundo da Aldeia, freguesia de Valadares, concelho de S. Pedro do Sul, corria o mês de Setembro de 2021, desconhecendo-se o ano e o contexto do seu reaproveitamento no muro.

Quem da epígrafe deu ciência foi a moradora do lugar, D. Clara de Vasconcelos, que a viu transportada para uma propriedade privada (Fig. 1), onde ficou na posse da Sra. Alexandrina Augusta da Silva, que, por sua vez, a doou à Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, por pessoal intervenção do presidente da Câmara, encontrando-se agora depositada na área arqueológica das Termas Romanas de S. Pedro do Sul.

De granito local, paralelepipédica, apresenta rudemente alisadas as faces superior e inferior; não parece ter sido trabalhada a face lateral esquerda (Fig. 2). O lado direito foi truncado pelo talhe da pedra, certamente feito no momento do seu reaproveitamento como material de construção do muro.

O monumento pode relacionar-se com outra epígrafe encontrada nas proximidades[1], que também é funerária e

[1] Monteiro (António João Nunes), «Inscrição funerária romana de Covelo (Valadares – S. Pedro do Sul)», *Ficheiro Epigráfico,* 67, 2001, inscrição nº 302.

dedicada por uma mãe. Não se devem furtar, ao parecer do arqueólogo, dois lugares nas imediações que manifestam uma toponímia sugestiva: o lugar do Crasto e, um nadinha mais acima deste, o lugar do Castelo, indiciando a presença de um núcleo populacional antigo, o que, em consonância com as duas lápides funerárias romanas, podem confirmar uma precocidade na romanização deste vale médio do Vouga. Já João Vaz fizera corresponder a área de Valadares no curso médio do rio Vouga a um território de limite entre os *Paesuri* e os *Interannienses*, passando nas proximidades a via principal *Vissaeum* (Viseu) – *Cale* (Porto), que transpõe a serra da Gravia[2]. E, também, sem descurar as teses que dão o rio Vouga navegável até S. Pedro do Sul na antiguidade[3], e por onde, certamente, circulavam as pessoas e as suas ideias, chegando ao interior mercadorias novas, escoando-se outras para o litoral, numa interação constante e favorável à assimilação cultural romana.

Dimensões: 34 x 72 x 25 cm.

[L?]ANCEA · TAI F(*ilia*) AN(*norum*) XX[…?] / [C]ATO · APRI F(*ilius*) AN(*norum*) · L[...?] / CILEA TRITEI F(*ilia*) · FILIA[E] / SIBI · SVISVE VIVA · F(*aciendum*) · [C(*uravit*)]

Lâncea, filha de Taio, de ... anos; Catão, filho de Áper, de ... anos. Cílea, filha de Triteu, tratou de fazer, em vida, para a filha, para si e para os seus.

Altura das letras: 7. Espaços: 1: 5; 2 a 4: 3; 5: 4.

Paginação muito cuidada, como o demonstra a regularidade do traçado dos caracteres e da distribuição das linhas no campo epigráfico, não sendo de descartar a hipótese de ter havido prévias linhas de pauta, hoje imperceptíveis, a

---

[2] Vaz (João L. Inês), *A Civitas de Viseu: Espaço e Sociedade*, Coimbra, 1997, p. 377-378.

[3] Girão (Amorim A.), *Bacia do Rio Vouga: Estudo Geográfico,* Imprensa da Universidade de Coimbra, 1922.

determinarem o correcto alinhamento das letras. A pontuação nem sempre se usou.

Letras capitais, atribuíveis ao tipo monumental quadrado, atendendo à simetria verificada no traçado do A, do S, do X e do V, à perfeita circularidade do O, à franca abertura do C, à clara horizontalidade dos travessões; no B, os traços da barriga não tocam na parte média da haste vertical, tal como acontece com o P (não fechado) e o R; o L de CILEA é mais alto. Há os nexos do AN (linhas 1 e 2) e em VE (l. 4). Um monumento, pois, em que, mesmo sem ter em conta a forma de identificação das personagens nele referidas e a mui singela organização textual, a paleografia aponta para uma datação da 1ª metade do século I da nossa era.

Na l. 1, da primeira letra resta brevíssimo trecho da barra inferior: afigura-se-nos verosímil restituir L, que está seguido de A quase imperceptível devido à erosão. Está claro o E (o habitual nesta palavra é um I). A pedra foi partida do lado direito, como se disse, de modo que, no final da linha, só se enxerga o troço final oblíquo do que restituímos X, sendo possível que tenham sido gravadas mais letras; a idade com que *Lancea* faleceu pode ter sido XX ou mais, não se devendo alijar a possibilidade de ser XXX.

O princípio da l. 2 também sofreu com a erosão. Restitui-se CATO sem hesitação, porque do A se divisam vestígios assim como do travessão do T. No final da linha, após o L poderia existir mais alguma letra. Também a idade do segundo defunto fica por definir com exactidão: acima de 50 anos é, decerto.

No fim da l. 3, postula-se a restituição do E; assim como, no termo da l. 4, a fractura levou o C da habitual fórmula final.

Por conseguinte, foi *Cilea* quem, em vida, se encarregou de mandar erguer o mausoléu familiar. Do ponto de vista textual, realce-se o perfeito conhecimento dos modelos romanos, aqui especialmente documentado pelo uso da partícula enclítica conjuncional -VE (em vez da, mais habitual, -QVE), o que, de facto, merece reflexão, atendendo a que, em monumentos epigráficos, somente em dois textos jurídicos está patente, na frase *factus creatusve erit:* em Roma, na inscrição CIL I 585 (linha 585), e na Hispânia, no

texto da *Lex Ursonensis* (CIL II/2[5] 1022).

Refiram-se outros exemplos, do território peninsular, dos antropónimos aqui registados:

– de *Lancea* cremos não haver qualquer outro testemunho; a grafia mais comum é com I (*Lancia*), nome único de que, no *Atlas Antroponímico da Lusitânia,* se apontaram 8 testemunhos, no masculino e no feminino[4]; tem-se relacionado com o topónimo *Lancia* que Narciso Santos Yanguas situou em Las Labradas, no norte da província de Zamora[5]; há inscrições lusitanas de *Lancienses Oppidani* e *Transcudani*[6]*;*

– Do nome lusitano *Taius,* há mais 3 testemunhos: na *Civitas Igaeditanorum,* em Fornos de Algodres e na Covilhã[7];

– *Cato* é conhecido *cognomen* latino[8], aqui usado como nome à maneira indígena, o que denuncia a sua apropriação pela população local, pré-romana; poderá ser este o único exemplo que se reporta até ao momento, pois o que vem indicado no *Atlas* da Lusitânia (p. 136), de Lisboa, exerce a função de *cognomen;*

– o mesmo se deve dizer de *Aper,* latino (Kajanto, p. 325), de que há mais uma meia dúzia de casos como nome único (*Atlas,* p. 94, mapa 30);

– *Cilea* documenta-se também predominantemente na área lusitana (*Atlas*, p. 142, mapa 90); pertence à onomástica local;

– finalmente, de *Triteus* (que também surge grafado como *Tritius)* há quase duas dezenas de testemunhos na área nordeste da Lusitânia (*Atlas,* p. 324, mapa 304; Vallejo, p. 434).

---

4 Navarro Caballero (Milagros) e Ramírez Sádaba (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana,* Mérida-Bordéus 2003, p. 210, mapa 164.

5 Cfr. HEpOL 2005, nº 194. (HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica,* revista editada pela Universidade Complutense de Madrid, acessível em http://eda-bea.es/).

6 Guerra (Amílcar), «Sobre o território e a sede dos *Lancienses (Oppidani* e *Transcudani)* e outras questões conexas», *Conimbriga* 46, 2007, p. 178-181.

7 *Atlas* p. 311; Vallejo Ruiz (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana,* Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 406.

8 Kajanto, Iiro, *The Latin Cognomina,* Roma, 1982 (reimp.), p. 250.

Outro aspecto a realçar: *Cilea* inclui Cato entre os seus e não especifica o grau de parentesco com ela. O normal será que se trata do seu marido ou companheiro; contudo, não ousamos deduzir dessa omissão qualquer desenleio conjugal, embora se possa pensar em relação marital não regularizada. Despindo o traje do historiador e envergando o de epigrafista, preferimos explicar tal omissão pela falta de espaço no campo epigráfico, pois, a bom entendedor, seria consensual tratar-se de uma família. *Cilea* sobreviveu à dolorosa morte da filha e à não menos dolorosa, decerto, morte do marido; por isso, gastou num mausoléu os pertences que tinha, para que todos ficassem juntos.

Em síntese:

Estamos perante o testemunho de uma aculturação deveras considerável, porque toda a onomástica é indígena e a estrutura textual claramente se compagina com o hábito romano[9].

Eduardo Nuno Oliveira[10]
José d'Encarnação [11]

[9] Agradecemos ao Dr. Alexandre Canha a prontidão com que se disponibilizou a fazer o tratamento digital das imagens que lhe enviámos, inclusive em 3D, o que muito nos facilitou a leitura da epígrafe.

[10] Técnico superior da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul.

[11] Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

1

2

784